

ORGANIZADORAS  
Nathália dos Santos Silva  
Frederico Viana Machado  
Handerson Joseph  
Vi Grunvald

Série Interloquções Práticas, Experiências e Pesquisas em Saúde

# **IMAGINAÇÃO político-viral: os primeiros meses da pandemia**

1ª Edição  
Porto Alegre  
2023



**Imaginação político-viral:** os primeiros meses da pandemia/ Organizadores: Nathália dos Santos Silva; Frederico Viana Machado; Handerson Joseph e Vi Grunvald – 1. ed. -- Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2023.

249 p. (Série Arte Popular, Cultura e Poesia, v. 8. Subsérie Literatura e Saúde Pública, v.3).  
E-book: 16.00 Mb; PDF

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5462-044-4

DOI: 10.18310/9786554620444

1.Literatura. 2. COVID-19. 3. Pandemia. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

NLM WZ 350

CDU 614:82

---

Catalogação elaborada pela bibliotecária Alana Santos de Souza - CRB 10/2738

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Rede UNIDA  
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS. Fone: (51) 3391-1252

[www.redeunida.org.br](http://www.redeunida.org.br)





## PREFÁCIO 2

# MUITA PROTEÇÃO E SAÚDE A VC E SUA FAMÍLIA

Vítor Queiroz<sup>1</sup>

Tive que ir para Porto Alegre, por outros motivos, na semana imediatamente anterior ao agravamento da crise causada pelo Coronavírus no Brasil. Entre a minha partida, no dia 8 de março de 2020, e minha volta para Campinas – onde morava naquele momento – telefonei para alguns pais-de-santo gaúchos, encontrei-os, li muita coisa, dormi pouco, assisti a uma audiência pública sobre o destino do Mercado Público da cidade na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul e ainda percorri o centro da capital gaúcha em dias sucessivos e em diversos sentidos, na companhia de alguns religiosos e de outros membros da comunidade negra local. A abertura simultânea de tantos caminhos e o ímpeto com o qual esse campo improvisado emergiu me impressionaram. Voltei pra casa, em contraste, junto com o fechamento de tudo e as primeiras medidas de isolamento social. Se as passagens aéreas tivessem sido agendadas para a semana seguinte, minha viagem sequer existiria e esta etnografia ainda não teria começado.

Dois dias depois, Pai Paulinho de Xoroquê, um dos sacerdotes que havia conhecido nesse período, enviou-me pelo WhatsApp uma fotografia com múltiplas estátuas de Obaluaê, orixá das doenças e da cura, e de outras entidades relacionadas a ele. As imagens, dispostas num dos cômodos do seu terreiro, vinham acompanhadas por uma benção. Reproduzo-as tal como as recebi:

---

<sup>1</sup> Professor adjunto do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS. Coordenador do Núcleo de Estudos da Religião (NER) e integrante do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT). Dedicou-se ao estudo dos seguintes temas: mitos, arte, patrimônio, memória, território e questões étnico-raciais. É mestre em História Social pela Universidade Estadual de Campinas e doutor em Antropologia Social pela mesma universidade.



Estátuas de Obaluaê, São Roque, São Lázaro e dois Pretos Velhos no Ilê Axé Ogunjá Agadá, terreiro de Pai Paulinho. Imagem recebida via WhatsApp em 18/03/2020 (captura de tela).

Desta forma, além de preocupar-se com a minha saúde e de ser gentil, Pai Paulinho reforçava nosso vínculo recém-estabelecido e mantinha as portas de sua *casa* abertas para mim. Em seguida, entrei em contato com meus outros parceiros humanos de pesquisa, apenas para saber como eles estavam. Para minha surpresa, dessas mensagens rápidas de WhatsApp, surgiria uma fase nova e movimentada da pesquisa. Por outro lado, planejava ir a Santo Amaro em maio, para assistir ao meu primeiro Bembé e começar meu trabalho de campo por lá. Este segundo plano de viagem tornava-se cada vez mais irrealizável à medida que as semanas iam passando.

Não poderia começar este prefácio de outra forma, apesar da estranheza. Essa é ou, pelo menos, já foi uma história pessoal como aquelas que vocês terão acesso daqui a poucos minutos. Paradoxalmente publiquei algo tão íntimo que tinha a ver, naquele momento, com o concurso que havia feito na Universidade

Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a iminência de uma mudança de cidade que se atrasaria por longos meses, o início de uma pesquisa, as emoções geradas por tantas novidades e, pairando sobre tudo isso, a ameaça da pandemia da Covid-19.

Ao selecionar um trecho desse relato que mal disfarcei no meio de uma descrição etnográfica e que foi publicada num livro (QUEIROZ, 2020), agora me dou conta de uma obviedade. Escrever aquilo era um jeito de lidar não só com a pandemia, mas com todas as preocupações que me inquietavam naquele momento. Nas palavras do recém-falecido Bruno Latour, era uma maneira de transferir os pavores através da manipulação de forças, entidades e amuletos (LATOURE, 2002). Por outro lado, fazer confissões para um público amplo, para leitores anônimos, transeuntes desconhecidos ou eventuais companheiros de viagem é bem menos difícil. A sala de cinema lotada foi um dos substitutos do divã no século passado, hoje é provável que os mais diversos ambientes *online* desempenhem o mesmo papel transferencial.

O livro que passa diante de seus olhos neste momento trata-se de uma coletânea dos trabalhos publicados originalmente no blog AntropoLÓGICAS Epidêmicas. O blog, idealizado por alunos e professores dos programas de pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) e Saúde Coletiva (PPGCOL) da UFRGS, ganhou corpo durante o período mais inacreditável da pandemia. Desde as primeiras semanas de emergência sanitária, a proposta deste condomínio virtual era promover um espaço para compartilhar, exercitar e incentivar a imaginação etnográfica, sociológica e política sobre aquele momento crítico. Entre 2020 e 2021, foram publicadas no blog análises acadêmicas, teóricas e analíticas, mas também relatos literários, artísticos e experimentações textuais, visuais e sonoras inéditas. A seção intitulada “Imaginação político-viral”, que dá nome a esta publicação, foi destinada a esses experimentos.

É curioso notar, nesses textos de reação imediata a uma série de acontecimentos extraordinários, muitas semelhanças com anseios distantes no tempo e no espaço junto a alguns ecos de coisas velhas, deixadas pelo caminho. De certo modo, não conseguindo sepultar condignamente tantos mortos, talvez tenhamos voltado a cultivar formas de convívio e expressão há muito esquecidas. Além da ressonância de um clássico homônimo de Georges Balandier (BALANDIER, 1976) – que, por sua vez, referia-se ao in-terminável *magnum opus* de Claude Lévi-Strauss – constante no próprio título do blog original, com suas

criações artísticas e seus depoimentos o “Imaginação político-viral” desenterra, para ficar apenas em alguns poucos exemplos, a narrativa epistolar e a recriação do cotidiano, seja a partir de pormenores domésticos, seja por meio de aventuras cheias de revezes fortuitos e intempestivos descritas em primeira pessoa.

Lembremos que ambas as possibilidades editoriais estão intimamente ligadas à popularização e conseqüentemente ao estabelecimento definitivo do romance moderno na Europa distante do século XVIII. Na casa do lado, o filósofo natural fazia seus cálculos com o intuito de decifrar a máquina do mundo, enquanto outros saíam pelos bosques tentando equilibrar experimentalmente percepções objetivas e sentimentos interiores. Todos eles não passam de bibliografia especializada e de reconstrução histórica hoje. Porém, através de um número grande, mas limitado de metamorfoses, seus livros e suas teorias políticas concorrentes foram capazes de produzir uma série de efeitos em cascata que vão do sujeito individual moderno, detentor de direitos, à casa burguesa, dos dramas familiares de Freud à voga neo-cavaleiresca dos romances comerciais contemporâneos.

É claro que este livro não exuma sozinho tantas ossadas antigas. Antes dele os blogs e, em seguida, as redes sociais já haviam retomado o espírito do romance epistolar e da pormenorizada exibição do dia a dia. Lateralmente, a esse livro somam-se vários outros que também foram produzidos durante o pior momento da pandemia e que trazem, em arranjos diversos e dosagens variadas, este mesmo conjunto de questões. A título de exemplo, nos contentemos com o mais recente deles, a coletânea Casa-Mundo, organizada por Heloísa Pontes e Camila Gui Rosatti, que acaba de ser editada pela Papéis Selvagens. Estamos indo longe demais? É provável. Se, no entanto, seguirmos a intuição de Lévi-Strauss, que neste caso citava o Marx do 18 de Brumário, os mitos, os processos históricos de média e longa duração ou mesmo as relações que somos capazes de constituir nos constituem, tendo uma espécie de precedência lógica paradoxal sobre nós mesmos. O tempo, com seus fragmentos, e os sonhos, os santos e os espíritos, nossos amigos e antagonistas, se pensam nos homens e à sua revelia (LÉVI-STRAUSS, 2004). As contradições sociais e os vírus também.

De uma forma ou de outra, publicações como estas voltam-se, significativamente, para o espaço doméstico, ou melhor, para tudo aquilo que se pode perceber a partir desse ponto tão fulcral quanto corriqueiro de nossa

existência. A “máquina de morar” do arquiteto modernista Le Corbusier é, pela via da metáfora, também uma máquina de produção de assimetrias de gênero, de fazer pão, de quebrar pratos, de ferir-se e de sonhar ou, pela via da metonímia, um olho mágico. A planta do apartamento da página 73, rabiscada numa folha de caderno por Rafael Bezzon para fechar um experimento com áudios e fotografias, é bastante eloquente neste sentido. Os casos emblemáticos e as contradições que vocês verão aqui, que vão de um puerpério vivido durante o isolamento social à aposentadoria involuntária de um trabalhador, passando pela negligência escandalosa do governo brasileiro e pelas cabeças cortadas – e logo multiplicadas exponencialmente – dessa hidra moderna que é o capitalismo.

A pandemia da Covid-19 nos forneceu, além de dezenas de pesquisas das outras ciências – que passaram a se preocupar mais com a ergonomia ou com sentidos normalmente ignorados como o olfato e o paladar, após a supressão de ambos pelos efeitos colaterais do Coronavírus –, um exemplo tristemente paradigmático de um conceito-chave da nossa disciplina antropológica e sociológica: o fato social total maussiano. (Prometo que não vou elencar mais nenhum intelectual francês, para este prefácio não virar uma sucursal da *academie* nos trópicos!). A antiga seção “Imaginação político-viral” do AntropoLÓGICAS Epidêmicas foi motivada, afinal, pelas seguintes indagações que praticamente definem tal conceito e, de quebra, ainda atualizam outras ideias de do velho Marcel Mauss, sobre, por exemplo, a relação fundamental entre as categorias do espírito e a realidade vivida: “Que mundos possíveis, ao mesmo tempo imaginários e reais, são presentificados pelo que atravessamos? Se sonhos e imaginação são parte fundamental da realidade, que cenários e ideias são projetadas por um momento cuja força se imprime em todos os aspectos de nossa vida?”

O mesmo Marcel Mauss, entretanto, já ressaltava, ao falar da economia pessoalizada da dádiva, que abstrações, como o direito, a grande guerra, o mercado financeiro e uma pandemia não existem de fato. “O que é verdadeiro”, dizia ele, “é o melanésio de tal ou tal ilha” (MAUSS, 1925). Em outras palavras, houve, e infelizmente ainda haverá por um tempo indeterminado, apenas uma Covid-19, um colapso sanitário e um isolamento para cada um de nós. Os fatos sociais só ocorrem de forma imanente, expressando-se através de nossos sentidos e nossas razões. Evidentemente, a tônica deste livro multimídia digital recai sobre

a experiência íntima, insubstituível, de seus escritores, realizadores áudio-visuais e cibernautas. O montante dessas perspectivas únicas e paralelas, cujas recorrências e ressonâncias você poderá apreciar em breve, toma aqui a forma de poemas, diários, ensaios fotográficos, colagens, vídeos, contos de ficção e outros trabalhos que, em diferentes mídias e formatos, expressaram e refletiram sobre parte do que foi vivido e sentido nos primeiros meses de pandemia.

As Cartas Pandêmicas que figuram na terceira parte do livro, “Presente, futuro, água e sabão: tempos e epidemias”, que foram trocadas por vários autores e que depois foram divididas conosco têm um subtítulo significativo: “do futuro do presente para o futuro do pretérito”. Tais mensagens curtas, atravessadas pela mobilização política *queer* conectam dois lugares distantes, Porto Alegre e Nova York e, pelo menos na minha lembrança de leitor e professor, dois autores tão distintos quanto o melanésio Andrew Moutu (2007) e Judith Butler (2003). Apesar de refletirem sobre questões diversas, ambos enfatizam e fazem um elogio tocante à nossa vulnerabilidade e interdependência. Tive que utilizá-los também como amuletos nos primeiros cursos que dei na UFRGS, ainda de forma remota e emergencial, com a sirene das ambulâncias ecoando pelo apartamento recém-alugado e ainda sem móveis.

Somos feitos, afinal, de laços e as conexões insuspeitas ou não diretamente visíveis entre nosso corpo e nossas lembranças, nossos anos de formação e nossos antepassados devidamente distribuídos, perdidos ou recuperados nas coisas que amontoamos e no silêncio que nos cerca. Aquilo que chamamos equivocadamente de indivíduo ou de sujeito não seria, na verdade, um formigueiro de afetos diferenciais, desvios e efeitos reciprocamente repercutidos, um amontoado de outros seres vivos e revividos? Nossos novos companheiros virtuais, os mesmos das Cartas Pandêmicas escreveram, aparentemente em concordância comigo: “Tenho certeza de que se meus amigos não existissem, eu os inventaria”. Páginas depois, para reforçar a mensagem, desdobrando-a indefinidamente, aparece uma variante dessa mesma frase num lambe-lambe de rua que, antes de ser fotografado pelos autores, deve ter sido espalhado de forma anônima, rápida e em série pelos bairros centrais da capital gaúcha.

Nas Antropo-lógicas, Balandier compara alguns exemplos daquilo que Lévi-Strauss chamava de máquinas de anular o tempo (LÉVI-STRAUSS, 2004) – ou seja, os mitos, mas também os ritos, a historicidade e a produção da memória –



em sociedades europeias e oeste-africanas. Nosso autor, injustamente esquecido, argumenta que todos esses tipos de ação mais ou menos padronizada, de trabalho humano cuja matéria-prima é o próprio tempo, terminam por esconjurar momentaneamente a desordem, em cada caso considerado, ao tentarem equilibrar as relações sempre instáveis entre as tradições, as grandes narrativas de origem e o acúmulo de eventos inesperados. No fim das contas, a vida em sociedade varia continuamente, indo do blefe audacioso ao museu vivo que se reproduz ou se transforma por meio de um punhado de cerimônias. A imaginação social, seja ela particular ou coletiva, é necessariamente política, sem deixar de ser absolutamente concreta. É por meio dela afinal que, operando dialeticamente entre a lógica ritual e o imprevisto, nós humanos podemos agir, criar e exercer nosso poder limitado sobre as vicissitudes que nos rodeiam.

Contudo, para Lévi-Strauss os modelos ideais de tais máquinas que nos permitem conquistar parcialmente a vida eterna eram a música e as máscaras dos dançarinos da América indígena. O resto temos que deixar na mão dos deuses, dos mortos ou dos cientistas e pais-de-santo que nos oferecem seus prestimosos, mas incertos serviços de mediação. Nesse período imenso e pavorosamente estranho da pandemia da Covid-19, que achamos que passaria em poucas semanas e ainda não terminou, fomos todos privados da maioria dessas tecnologias imprescindíveis de cura. Se não tivemos os rituais adequados, pelo menos pudemos pensar em iniciativas como essa. Que este livro multimídia sirva para lembrarmos daquilo que deixou de acontecer.

Para concluir, acrescento à esta coletânea um poema curto e delicado de uma poetisa antiga. Talvez ele consiga nos conduzir de volta para casa e para o caráter intimamente compartilhado das próximas páginas com seu lirismo triste. Acho que hoje, quase três mil anos depois, conseguimos entender melhor o desamparo desses versos de Safo. Com a visão turvada pelos fracos sinais emitidos por Héspero, a estrela da tarde, façamos silêncio por todos aqueles que nunca mais abrirão suas portas para ninguém e aproveitem, com a brandura dos sobreviventes, as histórias que virão:

*Héspero, tu juntas tudo  
quanto dispersa a luminosa Aurora,  
trazes a ovelha, trazes a cabra,  
só à mãe não trazes a filha.*

Dezembro de 2022

## Referências

- ANDRADE, E. de (ed.). **Poemas e fragmentos de Safo**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2021 (1987).
- BALANDIER, G. **Antropo-lógicas**. São Paulo: Cultrix, 1976 (1974).
- BUTLER, J. **Violencia, luto y política**. Íconos, 17, 2003.
- LATOURET, B. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches**. Florianópolis: EDUSC, 2002 (1996).
- LÉVI-STRAUSS, C. **O Cru e o Cozido (Mitológicas I)**. São Paulo: Cosac Naif, 2004 (1964).
- MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva (1925). In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naif, 2003(1950).
- MOUTU, A. Collection as way of being. In: HENARE, A.; HOLBRAAD, M.; WATELL, S. (ed). **Thinking through things**. Londres/ Nova York: Routledge, 2007.
- QUEIROZ, V. Com a nossa ancestralidade e os orixás: fazendo pesquisa com o povo de axé nos tempos do Coronavírus. In: CASTRO, B. (org.). **Covid-19 e sociedade: ensaios sobre a experiência social da pandemia**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2020.